

**FEIRA
DE
CIÊNCIAS**

ROMY POCZTARUK

Curadoria de

GUILHERME BUENO

Porto Alegre, 20 de agosto a 28 de setembro de 2014
Santander Cultural



texto provisório

O projeto *RS Contemporâneo* somará, no fim de 2014, dez exposições no Santander Cultural com jovens artistas do Rio Grande do Sul. Fiel ao preceito de trazer novos nomes e incentivar a produção local, a iniciativa é motivo de orgulho para o Santander, pois valoriza a cultura e as artes visuais do Estado.

Daniel Escobar é o segundo artista a expor este ano. Com curadoria da carioca Daniela Labra, a exposição *Seu lugar é aqui, seu momento é agora* apresenta, a partir de uma minuciosa pesquisa de materiais de propaganda do mercado imobiliário, um trabalho detalhista e engenhoso.

O Santander reafirma sua aposta no futuro, ao acolher exposições de representantes da nova cena das artes visuais do Rio Grande do Sul, que nos possibilitam o olhar para além das fronteiras estabelecidas.

Boa visita!

Marcos Madureira
Diretor-presidente do Santander Cultural

Quatro poéticas da jovem arte do RS e perspectivas curatoriais

Em meio a uma valiosa produção de artistas jovens e emergentes do Rio Grande do Sul, o Santander Cultural estabelece uma das suas mais caras metas culturais, o desenvolvimento do projeto *RS Contemporâneo*. Através dele, traz à luz o diálogo entre quatro artistas jovens do estado e quatro curadores também jovens, porém originários de outras regiões do país.

Esta proposta institucional é permanentemente reconhecida, criada em 2006 na cidade de Recife. É portadora de uma inegável contribuição à visibilidade deste perfil artístico e para a sua discussão em nosso meio cultural, ao apresentar agora, em Porto Alegre, sua terceira edição.

Ela provoca um impacto social na comunidade, através das variadas indagações dos artistas e de suas ousadas experiências artísticas na contemporaneidade. Aflo-ram por meio dela as suas dúvidas e comprometimentos, as suas escolhas e interrogações, até mesmo sobre o seu lugar como artistas na sociedade. Os curadores, por sua vez, através de suas interlocuções com a produção destes artistas, certamente surpreenderão com suas próprias leituras dos trabalhos, voltados às estratégias de comunicação que as obras podem motivar.

O projeto *RS Contemporâneo* 2014 evoca, entre suas metas específicas mais importantes, a valorização de jovens artistas — nem todos, no entanto, situam-se como inteiramente emergentes, mas em início de seu processo de reconhecimento. Eles não tiveram até o momento no campo da arte produzida no Rio Grande do Sul a sua merecida e necessária visibilidade. Essa consideração foi significativa no ato de selecionar os artistas para o projeto, além da qualidade da produção de cada um.

A edição do *RS Contemporâneo* 2014 contempla os artistas Isabel Ramil (Rio de Janeiro/RJ, 1989), Daniel Escobar (Santo Ângelo/RS, 1982), Romy Pocztaruk (Porto Alegre/RS, 1983) e Ismael Monticelli (Porto Alegre/RS, 1987), respectivamente acompanhados dos curadores Gilberto Habib Oliveira (São Paulo/SP), Daniela Labra (Rio de Janeiro/RJ), Guilherme Bueno (Rio de Janeiro/RJ) e Luisa Duarte (Rio de Janeiro/RJ).

Cada artista traz desafios particulares em suas criações — os trânsitos entre tempo e identidade na produção de Isabel Ramil por recursos transdisciplinares da literatura e do cinema; as estratégias da comunicação e dos signos urbanos de Daniel Escobar; as tensões entre lugares do anonimato e do público, do ordinário e do extraordinário através dos documentos fotográficos reais ou ficcionais de Romy Pocztaruk; e ainda os objetos do cotidiano de Ismael Monticelli, transformados em paisagens, através da fotografia, ao articular, por meio desta, a representação à criação ficcional.

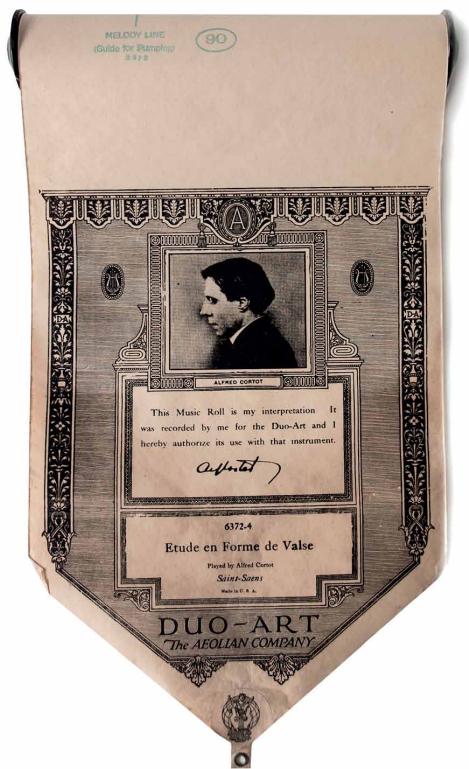
Essas quatro mostras desenham ricos horizontes de discussões sobre a arte na contemporaneidade. Certamente contribuirão a um repensar, a partir de sua origem no Rio Grande do Sul, ao dilaceramento das fronteiras geopolíticas da arte em tempos de globalização — desde as propostas artísticas apresentadas, como em relação ao trabalho dos curadores, quando as conexões entre centros e periferias entram vivamente em questão.

André Venzon | Mônica Zielinsky

CONSELHO CURATORIAL

GAIA CIÊNCIA (Anotações à margem de verbetes invisíveis)

Guilherme Bueno



A arte contemporânea assentou suas bases no estremecimento de dois mitos e um tabu modernos: o espelhamento da arte e da ciência como pesquisas enunciadoras de uma verdade irreduzível; por extensão, o entendimento de ambas como propositoras de métodos “puros” como meio de reduzir a margem de erro de nossa experiência; por fim, no caso específico da arte, a negação do caráter volúvel e “líquido” da imagem (isto é, não admitir que o sentido e a forma da imagem dependem do molde a que se ajustam, a circunstância segundo a qual é veiculada). Damo-nos conta da relação mal resolvida com a imagem (fotografia, cinema e música gravada). A fotografia acentuava a presença inevitável do vestígio, lembrava-nos da onipresença e inseparabilidade entre um objeto e seu simulacro, a ponto de ambos se afirmarem interdependentes.

§

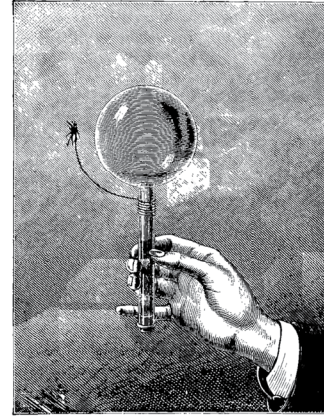
Dioramas. O “fetiche causal” corre nas entranhas da modernidade. A causa primeira (forma) traduz a compulsão historiográfica da época. Reencenar a origem (Gauguin, Taiti; Darwin, Galápagos). A imagem fotográfica cumpre um papel ambíguo: preserva e destrói. Ela *deixa ver* a perda consumada, só resta a sombra. A foto é tanto mais antioriginal em sua aparente silhueta mecânica, que confunde se a verdade da arte ainda está

no artista ou se ele apenas se tornou o veículo da máquina, a quem se conferiu o papel de produtora (slogan da Kodak). A perda também é narrativa: acontece quando tomamos a imagem de alguém que nos faz falta ou quando fantasiávamos em torno de uma foto casualmente encontrada na rua. Creemos numa *latência* na imagem, numa *camada original de história*, mas quanto mais divagamos sobre ela, proporcionalmente nos damos conta de que lhe atribuímos conjecturas, perquirimos ficções. A verdade circunstancial de uma imagem é o acaso de sua legenda, seu *princípio de edição*.

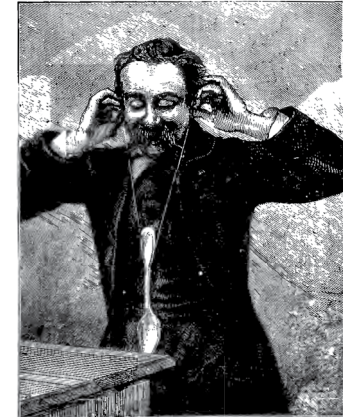
§

A foto foi o ponto de encontro e discórdia entre a arte e a ciência. Uma concede e tira algo da outra. A ciência, ao oferecer a *execução*, “exterminava” a *criação* de imagens (a câmera é um rifle apontado para o modelo). A arte cedia uma estratégia do olhar, mas negava à foto a cidadania na história da arte, pois ela não tinha uma descendência a declinar (a história da fotografia, além de ser exclusivamente “moderna” — ou justamente por isso — não se escondia nas brumas da mitologia e da tradição; a fotografia não foi criada por um deus). A concorrência de imagens deságua na perda da exclusividade de produção. Qualquer um pode fazer uma foto, *inclusive* um artista. Sempre existiram imagens artísticas e não artísticas, mas o desenvolvimento da fotografia criou a brecha para aquelas *semiartísticas*, que parecem uma coisa e são outra (todas não são, no fim das contas, dublês?); são fotos de obras que não são obras (os cartões-postais comprados em museus), são fotos de coisas que viram obras, são fotos de fotos que viram obras (Sherrie Levine).

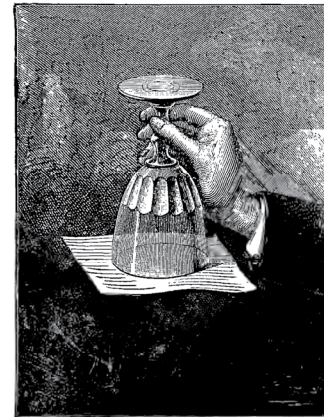
§



A simple microscope formed with a glass balloon full of water.



Conduction of sound by solid bodies.



Pressure of the air.

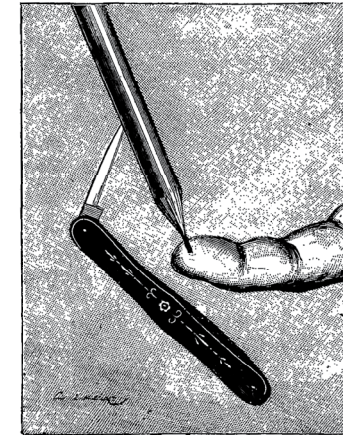


Fig. 21.—A Pencil balanced on its Point

Romy Pocztaruk (Porto Alegre, 1983). Os trabalhos de Romy Pocztaruk caracterizam-se por uma transposição de métodos ou objetos de uma disciplina qualquer para a esfera da arte, em nosso caso, majoritariamente daqueles registros provindos da ciência. Colecionar, classificar, retornar algo ao real. Indicam que a relação entre um método e o resultado dele esperado varia conforme o campo em que operam. Indagam-se, com isso, até que ponto um método não passa de um solipsismo. No deslocamento de objetos, percebe-se o quanto seus mecanismos de tabulação parecem portar na sua arbitrariedade de base uma incontornável incongruência, no momento em que admitem desaguar em um sentido imprevisto.

§

Dilema da ciência e da arte moderna: a tecnologia, que mercantiliza o saber; no mundo contemporâneo: a conversão universal ao espetáculo (pense-se especificamente nos programas de ciência “inútil” a proliferar nos canais de TV). Tanto a arte quanto a ciência são transferidas da esfera do pensamento ou da experiência pura para aquela outra não do “desinteresse” moderno — sua independência em relação à esfera prática —, mas para a do frívolo, do passatempo.

§

Insista-se, contudo, que este é o aspecto conjuntural interiorizado no trabalho. Sua questão mais premente é de que a transposição transforma-se num ato performático. *The Hunter* ilustra-o rigorosamente. As imagens, refotografadas pela artista em um museu de ciências, insinuam-se como imagens artísticas, não em virtude de alguma intervenção estética específica — o ato performático sequer reside na duplicação do

clique pela artista (fotografar a fotografia), mas sim no desvio narrativo decorrente da reclassificação da imagem, que agora passa a ser interpretada segundo as regras do campo da arte. Esquece-se qual tarefa científica era executada, ela vira o aparente registro de uma proposição artística sem “finalidade própria” ocorrida em uma paisagem exótica.

§

Similarmente em *Scientific Amusements*, ilustrações recolhidas de um velho livro de curiosidades, passíveis de serem tomadas por uma proposição artística (compare-se, a propósito, com Lawrence Weiner), que também não se furta ao risco do entretenimento. Numa espécie de corolário, agrega-se o vídeo de moedas.

§

Atlantic, Pacific:

Fomos amigos e tornamo-nos estranhos [...]. Como dois navios que seguem cada um a sua própria rota para a meta, poderemos sem dúvida cruzarmo-nos novamente e celebrar o passado — quando os belos navios fundeavam lado a lado no mesmo porto, sob o mesmo Sol [...]. Mas logo o poder inexorável das nossas diferentes missões nos afastou de novo para longe um do outro, para mares, paragens e sóis diferentes — talvez para não mais nos encontrarmos, talvez para de novo nos revermos, mas sem nos reconhecermos — que os vários mares e sóis hão de nos ter mudado!

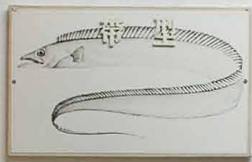
(Nietzsche, *A Gaia ciência*)

§









短刺鲃
Chamycterus sp.
鲷科刺鲃属科，体呈卵圆形，尾
刺短，游泳迅速。



粗鲈鱼
Prochilodus sp. Walbaum
鲈科粗鲈属科，体细长，呈
带状，侧扁，游泳时呈波浪状，速度很
快。



短吻丝鲈
Atractosteus tristrami (Baird)
鲈科短吻属科，体呈卵圆形，尾
刺短，游泳迅速。



鲆科
Platichthys stellatus (Richardson)
鲆科星斑属科，体呈扁圆形，尾
刺短，游泳迅速。



蛇头型
Channa argus (Kribia)
鲈科蛇头属科，体呈长筒状，尾
刺短，游泳迅速。



蛇头型
Channa argus (Kribia)
鲈科蛇头属科，体呈长筒状，尾
刺短，游泳迅速。



草鲮
Ctenopharyngodon idella (Cuvier)
鲈科草鲮属科，体呈长筒状，尾
刺短，游泳迅速。



草鲮
Ctenopharyngodon idella (Cuvier)
鲈科草鲮属科，体呈长筒状，尾
刺短，游泳迅速。



鳞烟管鱼
Pylodius perissus (Linnaeus)
鲈科鳞烟管属科，体长，呈筒状，
吻特别长，呈管状，背鳍和臀鳍相对，
位于体侧的后部，尾鳍呈叉状。这类鱼
科在把短长的头伸入右裂洞中摄
取食物于海底生活，可一
眼自己，便于躲避敌害。

草鲮
Ctenopharyngodon idella (Cuvier)
鲈科草鲮属科，体呈长筒状，尾
刺短，游泳迅速。

草鲮
Ctenopharyngodon idella (Cuvier)
鲈科草鲮属科，体呈长筒状，尾
刺短，游泳迅速。



八目鰻与魚



文昌魚的生态



A relação instável entre arte e ciência — ora de harmonia, ora de antagonismo — remonta, no mínimo, ao Renascimento. Se a perspectiva apontava para a convergência, os humores variam na modernidade, alternando entre a competição e a emulação, verdade “objetiva” contra “subjetiva”. Há ensaios de reencontro, o elogio à experimentação. Neste caso, para a arte, o preço de obtenção de uma verdade estrutural era repudiar os vestígios artificiais da imagem. E, curiosamente, são estes últimos absorvidos pela ciência, que simula acreditar no *trompe l’oeil* de seus dioramas de reconstituição de ecossistemas longínquos ou especulação sobre a paisagem das florestas carboníferas. O problema de tais cenografias reside no quanto elas precisam a um só tempo simular e revelar o truque, fazer-nos entrar e mantermos distância de tempos e espaços a que não pertencemos. Neste aspecto, elas reincidem no mesmo pecado que dava o mote para se debochar de alguns retratos fotográficos do século XIX, com suas colunas gregas e paisagens apoiadas sobre tapetes e cortinas. Quando Romy fotografa um desses dioramas de paisagem deixando à mostra os alicerces e spots de iluminação ao redor, acentua uma dupla metonímia: (a) a paisagem é a foto, naquilo em que tanto o diorama quanto a lógica fotográfica partilham do mesmo ardil — simular, revelando o truque; (b) a foto *torna real* o que é fictício. Em outras palavras, apesar de vários gestos de desconstrução, a fotografia sempre conferiu uma sobrevida ao seu mito do “lápiz da natureza”. O “lápiz da natureza” supõe que a verossimilhança obtida pela foto é cancelada pelo seu objeto matriz — o modelo que posa —, este sim indiscutivelmente real. O que é, portanto, fotografar um cenário? É assegurar-lhe um disfarce de realidade, como em uma soma de negativos que resulta positivo. O que seria uma redundância — a máquina produtora de simulacros (a câmera) registrar um espaço falso (um cenário, o diorama) — confere à ficção sua verve naturalista.

§





2.12 A imagem é um modelo da realidade

[...]

2.141 A imagem é um fato

[...]

2.22 A imagem representa o que ela representa, independente de sua veracidade ou falsidade, através da forma de representação.

[...]

2.221 O que a imagem representa é o seu sentido

[...]

2.224 Não há nada que permita reconhecer apenas a partir da imagem se ela é verdadeira ou falsa.

(Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*)

§



AAA 級

AAA 級

AAA 級

AAA 級



己丑年八月
徐之慶
春陽氣佳





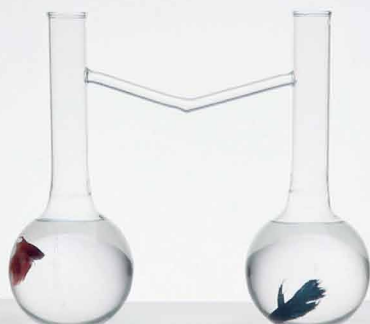
A ficção necessita da edição; é o vínculo que produz sentido. O sentido é a classificação. Uma série é um nivelamento. A concatenação, apara de arestas: daí a fluidez com que a paisagem temporalmente distante passa para o cenário vazio de escritórios e fábricas com sua ordenação milimetricamente verdadeira e visualmente falsa. Trata-se de fazer a primeira — falsa — aparentar verdade, e a segunda — verdadeira — insinuar o efeito contrário, equalizando um registro quase antropológico (os escritórios) a outro “paleontológico” (o diorama). A foto do diorama, ademais, é o espetáculo do “fetiche causal” interligado ao fetiche da “visão verdadeira” do lápis da natureza, independente até das discrepâncias que os cenários venham a conter.

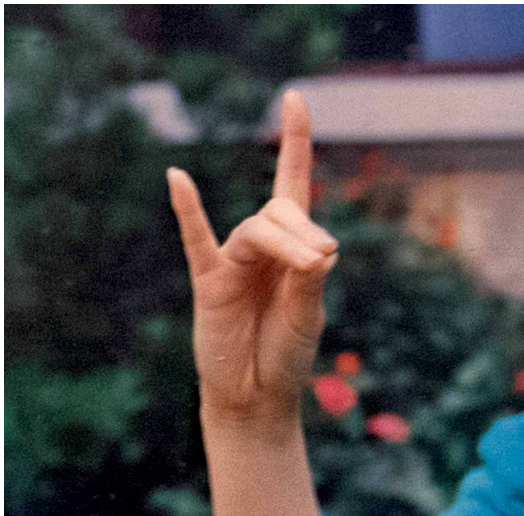
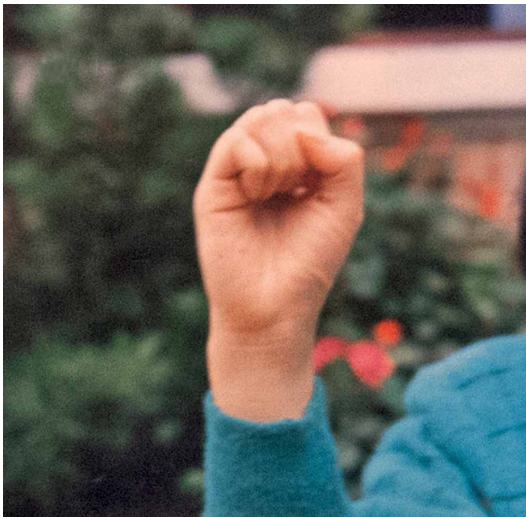
§

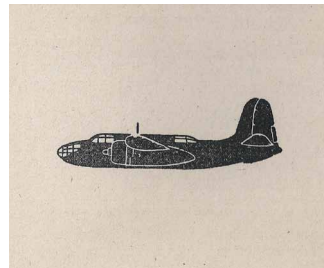
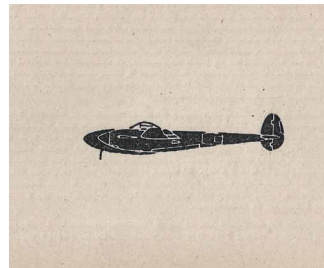
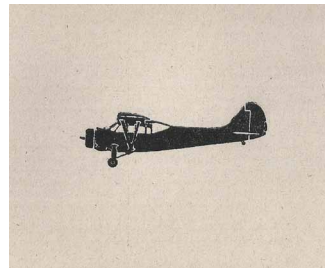
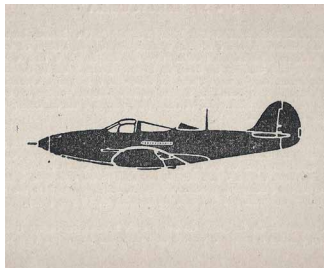
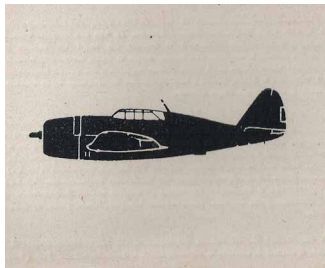
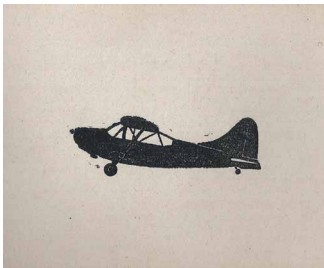
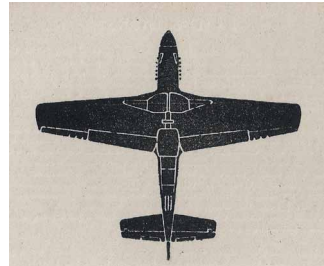
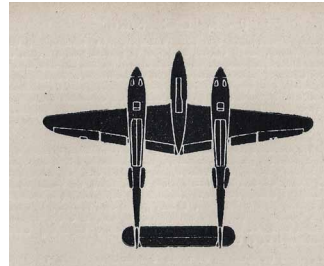
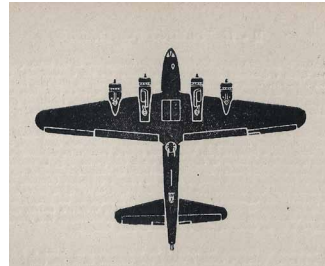
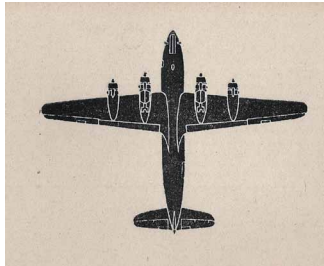
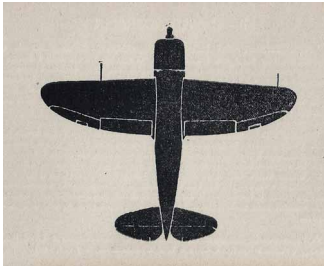
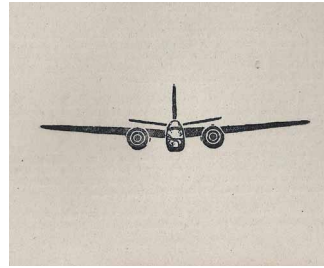
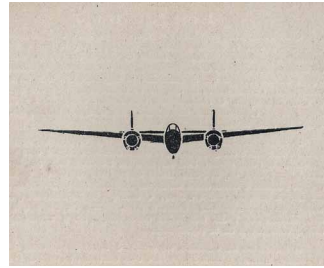
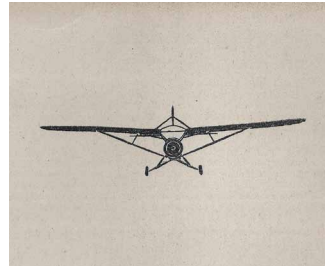
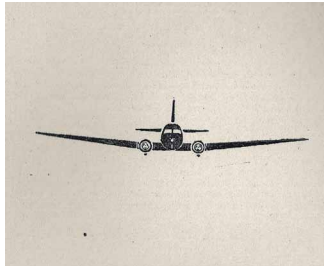
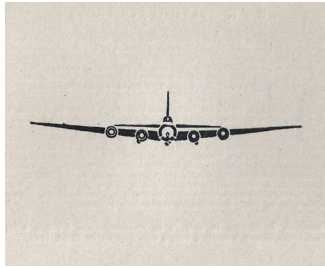
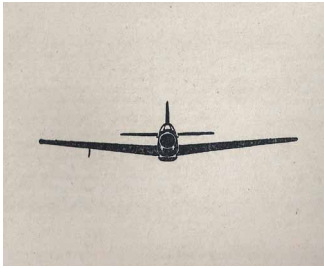
Museu de falsa ciência, museu de arte.















Lista de obras

- p. 2** **Joseph Wright, *An Experiment on a Bird in the Air Pump***, 1760, óleo sobre tela
- p. 6** ***Pianola***, 2014
3 rolos de pianola e mesa de madeira
- p. 9** ***Scientific amusements***
30 transparências e 2 retroprojetores
Imagens do livro *Scientific amusements*, 1890, de Henry Frith
- p. 12** ***The Hunter III***, 2012
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 70 × 45 cm
- p. 13** ***The Hunter II***, 2012
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 70 × 45 cm
- p. 14** ***The Hunter I***, 2012
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 70 × 45 cm
- p. 15** ***The Hunter IV***, 2012
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 70 × 45 cm
- p. 16-17** ***Diorama I***, 2014
Impressão jato de tinta sobre papel algodão e caixa de madeira, 150 × 225 cm
- p. 18-19** ***Relicário I***, 2012
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 100 × 150 cm
- p. 20-21** ***Relicário II***, 2012
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 100 × 150 cm
- p. 23** ***Diorama II***, 2014
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 100 × 150 cm
- p. 24-25** ***Relicário III***, 2012
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 100 × 150 cm
- p. 26-27** ***Manual do mundo I***, 2014
Impressão jato de tinta sobre papel Baryta, 100 × 150 cm
- p. 28-29** ***Manual do mundo II***, 2014
Impressão jato de tinta sobre papel Baryta, 100 × 150 cm
- p. 30** ***Manual do mundo III e IV***, 2014
Impressão jato de tinta sobre papel Baryta, 100 × 150 cm
- p. 32-33** ***Magnetic real***, 2014
Vídeo digital, 1'
- p. 34-35** ***Atlântico – Pacífico***, 2013
Vídeo digital, 23'
- p. 36-37** ***Língua dos sinais chinesa I e II***, 2014
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 50 × 50 cm (cada)
- p. 38-39** ***Abecedário de Guerra***, 2014
36 cartões com serigrafias de aviões
- p. 40** ***Cavalo***, 2014
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 80 × 60cm
- p. 41** ***Crina***, 2014
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 30 × 15 cm
- p. 42** ***Raios***, 2014
Impressão jato de tinta sobre papel algodão, 90 × 60 cm

Romy Pocztaruk nasceu em Porto Alegre, RS, em 1983. Vive e trabalha em Porto Alegre. Mestre em poéticas visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sua pesquisa fotográfica e videográfica lida com simulações e com a posição a partir da qual o artista interage com diferentes lugares. Entre as mostras das quais participou, estão BRICS (Oi Futuro Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil, 2014), Convite à Viagem — Rumos Artes Visuais (Itaú Cultural, São Paulo/Rio de Janeiro/Goiânia, Brasil, 2011-13), 9ª Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Brasil; Region 0 — The Latino Video Art Festival of New York, Nova York, 2013), 64ª Salão Paranaense (Museu de Arte Contemporânea do Paraná, Curitiba, Brasil, 2012), Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia (Casa das Onze Janelas, Belém do Pará, Brasil), Percursos Simulados (Paço das Artes, São Paulo, Brasil, 2011), Simulated Pathways (Skalitzer 140, Berlim, Alemanha, 2011) e All Photographers Now (Musée de l’Elysée, Paris, França, 2006). Também realizou residências na China (Sunhoo Creatives in Residency), Berlim (Takt Kunstprojektraum) e Nova York (Bronx Museum), pela Bolsa Iberê Camargo de residências artísticas.

Guilherme Bueno (Rio de Janeiro, 1975). Crítico e historiador da arte, doutor em Artes Visuais pela UFRJ. Professor do Instituto de Artes da UERJ e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Dirigiu o MAC Niterói de 2009 a 2012 e foi editor-chefe da revista *Dasartes*. Entre suas publicações mais recentes, figuram os livros *Conversas com críticos e curadores*, em parceria com Renato Rezende (Circuito, 2013), *Anna Bella Geiger* (MAC Niterói, 2013), *Hermelindo Fiaminghi* (MAC Niterói, 2010), *Antonio Manuel: eis o saldo — textos, depoimentos e entrevistas* (Funarte, 2010). Contribui regularmente para catálogos e revistas com textos sobre arte moderna e contemporânea. Como curador, realizou mostras sobre arte brasileira no país e no exterior.

BANCO SANTANDER (BRASIL)

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Celso Clemente Giacometti

PRESIDENTE

Jesús Zabalza

VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO DE COMUNICAÇÃO, MARKETING, RELAÇÕES INSTITUCIONAIS E SUSTENTABILIDADE

Marcos Madureira

SUPERINTENDENTE EXECUTIVA DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS, CULTURA E PATROCÍNIOS

Renata Zaccarelli

SANTANDER CULTURAL

DIRETORIA

DIRETOR-PRESIDENTE

Marcos Madureira

DIRETOR VICE-PRESIDENTE

Pedro Carlos Araújo Coutinho

DIRETORA-EXECUTIVA

Renata Zaccarelli

DIRETOR-SUPERINTENDENTE

Carlos Trevi

CONSELHO CURADOR

PRESIDENTE

Marcos Madureira

CONSELHEIROS

Carlos Trevi

Elly de Vries

Paula Nader

CONSELHO FISCAL

Alexandre Argento

Luciano Decourt Ferrari

Mauro Siequeroli

EQUIPE EXECUTIVA

COORDENADOR-GERAL

Carlos Trevi

COORDENADORA INSTITUCIONAL

Márcia Bertotto

[Poart Gerenciamento Cultural]

ANALISTA FINANCEIRO

Daniel Cardoso Vitt

ASSISTENTE INSTITUCIONAL

Vânia Moreira Lemos

[Poart Gerenciamento Cultural]

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO

Maria Luisa P. Belan

[Poart Gerenciamento Cultural]

ASSESSORA DE IMPRENSA

Mariele Salgado Duran

[Mariele Salgado Duran ME]

BIBLIOTECÁRIO

Rafael Antunes

[Poart Gerenciamento Cultural]

COORDENADOR DA AÇÃO EDUCATIVA

Márcio Lima Melnitzki

[Poart Gerenciamento Cultural]

MEDIADORES

Lara Sosa Dias

Marlene Nascimento

Sheila Prade

[Poart Gerenciamento Cultural]

COORDENADOR DE OPERAÇÃO

Günther Natusch Vieira

[Poart Gerenciamento Cultural]

ASSISTENTE DE OPERAÇÃO

Sérgio Wagner Navarro Pimentel

[Poart Gerenciamento Cultural]

EQUIPE DE ATENDIMENTO

Alessandra de Fatima Soares da Costa

Érica Figueredo Ribeiro Gusmão

Joana da Cruz Freitas

Sandy de Fraga Ferreira

Vitória Pomina de Oliveira

[Poart Gerenciamento Cultural]

EQUIPE TÉCNICA

Daniel Faria Villa Verde

Jonas Adriano Dalacorte

Marcos Alexandre dos Santos Flores

[Poart Gerenciamento Cultural]

COORDENADORES DE SEGURANÇA

Gustavo Nery Duzac

Jeferson da Silva Gonçalves

[Gocil Segurança e Serviços]

EQUIPE DE SEGURANÇA

Anderson Gomes

Carlos Alberto Duarth

Carlos Frederico Trindade

Cristiano Gomes Gonçalves

Fabiano Alexandre de Oliveira

Giovani Luiz Cardoso

Jaime Eduardo Costa Fontoura

Jose Antonio Dos Santos

Ladimir Cesar Mazute

Marcelo Bastos Dias

Mauro Rogerio Martins

Michel de Araujo

Rodrigo Santos de Souza

Rubem Antonio Boeira da Silva

Sandra Angelita Fredo

Silvio Mielczarski

Valtair Alvarenga Machado

[Gocil Segurança e Serviços]

EQUIPE DE BOMBEIROS

Jeferson Gonçalves

Julio Cesar Rodrigues

Mario Lucas da Silva Junior

Rogério da Silva Pinto

[Previsão]

EQUIPE DE RECEPÇÃO CORPORATIVA

Fabiana da Silva Pereira

Rosana Saucedo Pereira

[Prosegur]

EQUIPE DE MANUTENÇÃO

Amilton da Silva Lima

Amir Luciano Silva da Silveira

Anita Pressi

Cássius da Rosa Vitória

Eli Souza Paula

Hermógenes Rech

Lucas da Costa Rosa

Milton Paulo Pires Mareth

Oracil S. Silva

Ricardo Costa Maciel

Vinício A. Rolim

Vinicius Lucio Pereira

[Cushman e Wakefield

Consultoria Imobiliária]

EQUIPE DE LIMPEZA

Andréia Rodrigues

Celi Francisca de Oliveira

Cristiano Malheiros

Patrícia Silva

Ronaldo Barros da Silva

Saula Santos

[Sul Service Serviços

Especializados Ltda.]

PROJETO RS CONTEMPORÂNEO

CONSELHO CURATORIAL EDIÇÃO 2014

André Venzon

Mônica Zielinsky

EXPOSIÇÃO

CURADORIA

Guilherme Bueno

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Maria Clara Rodrigues

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO

Carole Joscht

PRODUÇÃO LOCAL

Nonô Joris Arte Produtora

CONCEPÇÃO DO CATÁLOGO

Romy Pocztaruk

PROJETO GRÁFICO

Fernando Leite

[*Vérbo Arte e Design*]

REVISÃO DE TEXTO

Duda Costa

ASSISTENTE ADMINISTRATIVA

Lidia Dias

[*Imago Escritório de Arte*]

PROJETO E EXECUÇÃO

LUMINOTÉCNICA E PROJEÇÃO

Alexandre Lopes Fagundes

[*Claraluz Iluminação*]

CENOTÉCNICA

Fake Cenografia

MONTAGEM DAS OBRAS

Prepare Produções

SEGURADORA DAS OBRAS

Affinité Seguros

PROJETO E PRODUÇÃO



escritório de arte

AGRADECIMENTOS

Ana Rachel Estrougo

Livia Pasqual

e à equipe do Santander Cultural